ISSN: 2358-8829

# ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE SUPERVISÃO INCLUSIVA NO ACOMPANHAMENTO DE BOLSISTAS SURDOS

Ângela Mota de Oliveira [1]

## INTRODUÇÃO

A educação fundamenta-se na garantia do direito de todas as pessoas ao acesso, à permanência e à participação nos diferentes níveis de ensino. Esse princípio pressupõe a reorganização das práticas pedagógicas e institucionais, de modo a eliminar barreiras que historicamente limitaram a participação de pessoas com deficiência no ambiente educacional.

No Brasil, esse movimento foi fortalecido por marcos legais e políticas públicas que reconhecem a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva estabelece que a educação especial deve atuar de forma transversal em todos os níveis e modalidades de ensino, garantindo recursos e estratégias que favoreçam a participação de estudantes com deficiência (BRASIL, 2008).

Além disso, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência define a acessibilidade como condição fundamental para assegurar autonomia, participação social e igualdade de oportunidades às pessoas com deficiência (BRASIL, 2015).

Nesse contexto, discutir inclusão implica também refletir sobre pertencimento. Para Mantoan (2003), a inclusão educacional não se limita ao acesso ao espaço escolar, mas envolve a construção de práticas pedagógicas que permitam aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos legítimos do processo educativo.

No caso das pessoas com surdez, essa discussão também envolve o reconhecimento de aspectos culturais e linguísticos específicos. Strobel (2009) destaca que a surdez deve ser compreendida para além de uma perspectiva clínica, sendo também uma experiência cultural

[1] Graduada do Curso de Administração da Universidade de Pernambuco- UPE, angela.mota@ufpe.br;

ISSN: 2358-8829

marcada por formas próprias de comunicação, interação e construção de identidade. A autora ressalta que a cultura surda se expressa por meio da Língua de Sinais, das práticas sociais e das experiências compartilhadas pela comunidade surda, constituindo um elemento fundamental para a construção do pertencimento social e educacional.

Complementando essa perspectiva, Skliar (2010) afirma que a inclusão exige reconhecer a diferença como dimensão constitutiva da experiência humana e educativa, deslocando o foco da deficiência para as possibilidades de interação e aprendizagem.

A experiência relatada neste trabalho surge a partir da efetivação do contrato de um bolsista com surdez numa diretoria de pós-graduação de uma instituição pública de ensino superior. A chegada do estudante evidenciou a necessidade de desenvolver estratégias de supervisão que contemplassem aspectos relacionados à acessibilidade comunicacional, à mediação das atividades e à construção de um ambiente institucional mais inclusivo.

Diante desse cenário, foram criados métodos com **Práticas para a Supervisão Inclusiva**. Trata-se de um material orientador destinado a supervisores que acompanham bolsistas surdos nos contextos acadêmicos. Assim, este trabalho tem como objetivo relatar o processo de concepção e desenvolvimento destas práticas, reflete contribuições para a promoção do pertencimento acadêmico e da acessibilidade no ensino superior.

## METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa. Esse tipo de abordagem busca compreender fenômenos sociais a partir das interações, significados e práticas vivenciadas pelos sujeitos em seus contextos cotidianos (MINAYO, 2014). Foi baseado no acompanhamento das atividades desenvolvidas por um bolsista surdo numa diretoria de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

Desde o processo de seleção do bolsista, foi elaborado um material inicial de acolhimento com o objetivo de facilitar sua adaptação ao ambiente institucional. Esse material incluía um guia de localização inspirado no funcionamento de aplicativos de mapas (google maps), que apresentava de forma simplificada o percurso desde a portaria do prédio até o setor onde seriam desenvolvidas as atividades,localizado no 2º andar.

Também foram disponibilizados contatos institucionais e documentos normativos do setor, permitindo que o estudante pudesse se familiarizar previamente com o funcionamento da diretoria.

ISSN: 2358-8829

Durante o período de acompanhamento, a metodologia adotada baseou-se na **construção colaborativa de um guia prático de supervisão inclusiva**, elaborado conjuntamente entre a supervisora e o bolsista.

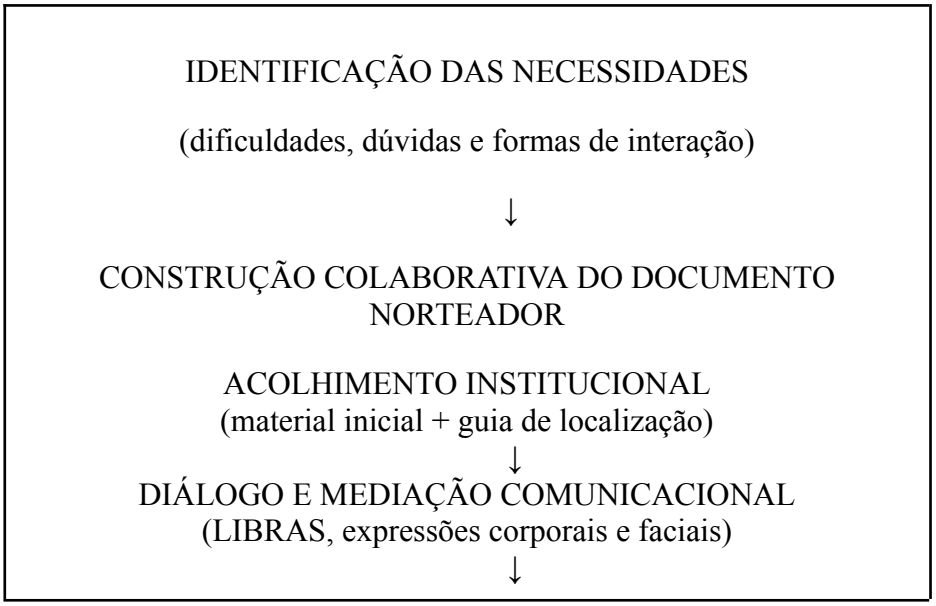
As atividades foram organizadas em sequências numeradas e estruturadas em formato de ***passo a passo***, eram acompanhadas de exemplos visuais e indicações práticas. Quando surgiam dúvidas durante o processo, estas eram sinalizadas no próprio material por meio de ícones visuais: ponto de interrogação (?) em cores destacadas dos demais textos. Além da possibilidade de inserção de comentários nos documentos de acesso compartilhados.

O acompanhamento ocorreu por meio de feedback contínuo, no qual as orientações eram discutidas, testadas e aperfeiçoadas ao longo das atividades desenvolvidas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunicação ocorreu por meio de diferentes recursos linguísticos e expressivos, como o uso da **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**, expressões corporais e expressões faciais, além da comunicação visual direta entre os interlocutores. Esses elementos foram fundamentais para garantir clareza nas orientações e favorecer a interação no cotidiano das atividades.

**Figura 1 – Fluxo metodológico da construção do Guia de Supervisão Inclusiva**



ISSN: 2358-8829

IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES
(dificuldades, dúvidas e formas de interação)
↓
ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES
(sequências visuais e passo a passo)
↓
FEEDBACK CONTÍNUO
(avaliação e ajustes das orientações)

**Fonte: elaboração própria (2026).**

A experiência resultou na elaboração de materiais orientadores voltados à supervisão inclusiva, organizados a partir das demandas identificadas durante o acompanhamento do bolsista, como exemplo demonstrado na figura 2. O material norteador produzido passou a reunir orientações práticas, sequências de atividades e recursos visuais que facilitaram a execução das tarefas e contribuíram para a autonomia do estudante. Teve como fundamentação a ferramenta 5W2H, de acordo com o Integrated Management Business Solutions (2018, p. 2), é uma metodologia de gestão estruturada em formato de verificação que visa converter diretrizes estratégicas e diagnósticos de problemas em ações práticas e sistematizadas.

**Figura 2 – Estrutura-padrão para ensinar qualquer atividade**

O QUE VAMOS FAZER?

Apresentar a tarefa especialmente em frase curta.

POR QUE VAMOS FAZER?

Explicar a finalidade da atividade.

ONDE VAMOS FAZER?

Indicar o sistema, pasta, planilha ou documento.

COMO VAMOS FAZER?

Apresentar o passo a passo visual.

COMO SABEREMOS QUE TERMINOU?

| |
|---|
| Apresentar o resultado esperado.<br><br>O QUE FAZER DEPOIS?<br><br>Indica a próxima ação ou a quem comunicar a conclusão.<br><br>Essa estrutura cria uma rotina cognitiva. Com a repetição, o estudante passa a antecipar as etapas da atividade. |

**Fonte: elaboração própria (2026).**

**Figura 3 -Atividade: Atualização da Lista de Contatos dos Coordenadores dos PPGs**

**O que vamos fazer?** Atualizar informações dos coordenadores dos Programas de Pós-Graduação (PPGs)

**Por que fazer?** para manter a comunicação ativa entre a diretoria e os programas de pós-graduação.

**Como fazer? Siga o passo a passo abaixo.**

**Após concluir a atividade,marcar X nas tarefas concluídas e usar sistemas de cores para identificação do status da tarefa.**

**Legenda de Cores da Planilha**

Observe que na planilha existe uma legenda para cada etapa do processo de solicitação da portaria dos coordenadores.

| | |
|---|---|
| ■ Laranja | Processo enviado para o gabinete |
| ■ Azul | Portaria emitida e lista atualizada |
| ■ Lilás | Lista atualizada + perfil criado + programa informado |

**PASSO 1 – Abrir a Planilha**

| |
|---|
| Abrir planilha: 'Análise de Processo DPGS ' |

ISSN: 2358-8829

| |
|---|
| Ir até a aba: Coordenação |
| Verificar processos de portaria dos coordenadores que não foram atualizados |

**PASSO 2 – Consultar no Sistema SIPAC**

| |
|---|
| Abrir SIPAC em modo público |
| Buscar processo na Mesa Virtual |
| Encontrar documento tipo PORTARIA.<br>Lembre-se do lado direito da tela há ícones com os nomes das etapas daquele processo. Analogia utilizada, clique na figura e imagine um caderno físico abrindo-se. |

**PASSO 3 – Verificar a Portaria**

| |
|---|
| Tipo de portaria: DESIGNAÇÃO ou RECONDUÇÃO |
| Ignorar portarias de DISPENSA |
| Observar número, ano, nome do docente e início do mandato |

**PASSO 4 – Atualizar a Planilha**

| |
|---|
| Atualizar nome do coordenador (se mudou) |
| Atualizar número e |
| Atualizar tipo da portaria (Designação, Recondução ou Pró-tempore?) |
| Atualizar início e término do mandato |

**PASSO 5 – Avisar Supervisora**

| |
|---|
| Marcar Supervisora na planilha como comentário |
| Inserir comentário na planilha 'Análise de Processo' |
| Supervisora atualiza dados na Plataforma Sucupira |

**Fim da atividade.**

ISSN: 2358-8829

**Fonte: elaboração própria (2026).**

A proposta da atividade foi estruturada a partir de uma abordagem visual e sequencial, como também o uso de analogias concretas como estratégia de mediação pedagógica (figura 2) . Foi considerado que estudantes surdos frequentemente se beneficiam de recursos visuais e de organização espacial das informações.

**Figura 4 - Atividade: Criação e Organização Pastas de Reunião das Câmaras de Pós Graduação - CPPG**

**Objetivo da atividade**

Organizar e sistematizar os registros dos processos que necessitam de homologação pelas Câmaras de Pós-Graduação - CPPG.

**O que vamos fazer?** Criar pasta e planilha digitais.

**Por que fazer?** Essa organização ajuda a **encontrar informações rapidamente** e manter os registros sempre atualizados.

**Como fazer?** Abrir pastas e documentos no Google Drive, em seguida inserir modelos de documentos para preenchimento futuros.

**Fonte: elaboração própria (2026).**

Foi apresentado a MP o calendário com datas pré estabelecidas das reuniões mensais, ele necessitaria fazer a seguinte atividade: 1- abrir pasta para cada data de reunião, 2- dentro dessa pasta abri do word e 3 - em cada documento word deixar um modelo de texto ( Fig.3) .

**Figura 5 Sequência Visual da Atividade**

📅 1 - Ver data da reunião ( Documento:Calendário Reunião CPPG)

ISSN: 2358-8829

↓
📁2 - Criar pasta com data
↓
📄 3 - Abrir novo documento
↓
✏ 4 - Copiar modelo de documento
↓
💾5 - Renomear Pasta.

**Fim da atividade.**

**Fonte: elaboração própria (2026).**

Para facilitar a compreensão da estrutura digital, foi utilizada a analogia de um **livro organizado por capítulos**. Nesse contexto, o calendário foi apresentado como um **índice**, responsável por indicar a localização das informações; as pastas digitais foram comparadas às **páginas do livro**, onde cada reunião possui um espaço próprio de registro, nesse caso, os capítulos; e os modelos de documentos foram apresentados como um **texto fixo**, previamente estruturado em cada página, que orienta o preenchimento das informações relevantes.

Essa estratégia possibilitou transformar conceitos abstratos do ambiente digital em representações concretas, favorecendo a compreensão e a autonomia do bolsista durante a execução das atividades. Segundo Vygotsky, o processo de aprendizagem ocorre por meio da interação social e da mediação pedagógica, sendo o acompanhamento orientado um elemento fundamental para a construção do conhecimento (VYGOTSKY, 2007).

A experiência também evidencia a importância da adaptação das práticas pedagógicas no ensino superior para garantir condições efetivas de acessibilidade e participação. A organização das atividades em etapas claras, associadas a estratégias de comunicação visual e participação ativa do estudante, contribui para a construção de ambientes educacionais mais inclusivos. Conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), às instituições de ensino devem assegurar recursos de acessibilidade e estratégias pedagógicas que favoreçam a participação plena de estudantes com deficiência em todas as atividades acadêmicas.

Outro resultado relevante foi o fortalecimento das relações entre os membros da equipe. Inicialmente, observou-se certa insegurança por parte dos colegas em relação à comunicação

ISSN: 2358-8829

com MP, principalmente pelo receio de não saber como interagir adequadamente e por não possuir conhecimento da Libras.

Com o desenvolvimento das atividades e a adoção de estratégias de comunicação acessível, essas barreiras foram gradualmente superadas. Nesse sentido, a experiência confirma a reflexão de Mantoan (2003), ao afirmar que **a inclusão depende da transformação das práticas educacionais e institucionais, de modo que todos os sujeitos possam participar efetivamente da vida acadêmica**.

Além disso, a experiência também evidencia que a valorização das diferenças contribui para ampliar as possibilidades de convivência e aprendizagem no espaço universitário. Como destaca Skliar (2010), **a diferença não deve ser vista como um problema a ser resolvido, mas como uma oportunidade para reinventar as formas de encontro e de construção do conhecimento**.

Ao final do período de estágio (em de dois anos), o bolsista concluiu suas atividades com êxito, demonstrou domínio das tarefas propostas e participação ativa nas atividades do setor. A experiência também contribuiu para sensibilizar a equipe sobre a importância da acessibilidade comunicacional e do respeito à diversidade no ambiente institucional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstra que a construção de estratégias de supervisão inclusiva pode contribuir significativamente para ampliar as condições de participação de pessoas surdas no ensino superior.

A elaboração do material contendo **Práticas para a Supervisão Inclusiva** possibilitou sistematizar experiências, fortalecer práticas de acessibilidade comunicacional e promover pertencimento, bem como maior autonomia do discente no desenvolvimento das atividades institucionais.

Mais que um instrumento orientador, a iniciativa de criar a metodologia tornou-se um registro de aprendizagem coletiva. Esse processo evidenciou que a inclusão se constrói no encontro entre sujeitos e na disposição para aprender com a diversidade.

ISSN: 2358-8829

**Promover pertencimento acadêmico significa reconhecer que a universidade se torna verdadeiramente inclusiva quando cada sujeito encontra espaço para participar, comunicar-se e contribuir com sua singularidade.**

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008.

GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **Tecnologia assistiva e inclusão: acessibilidade comunicacional.** Salvador: EDUFBA, 2009.

INTEGRATED MANAGEMENT BUSINESS SOLUTIONS – IMBS. Metodologia dos 5W2H. Lisboa, 2018. Disponível em: <https://imbs.pt/wp-content/uploads/2018/02/Metodologia-5W2H.pdf >. Acesso em: 01 de mar. 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 2009.

SILVA, Izabel Rodrigues; FREITAS, Thayane Nascimento de Araújo; MARTINS, Nádia Fernanda; SOUSA, Deborah Lauriane da Silva; ARAÚJO JÚNIOR, Maurício Amorim de; MEDEIROS, Aline Mendes; SILVA, Rafael Soares. **Acessibilidade digital em tempos de ensino remoto**. 2021. Disponível em: file:///C:/Users/UFPE%202025/Downloads/dorlivete,+e60010414966.pdf. Acesso em: 01 mar. 2026.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: UFSC, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZERBATO, Ana Paula. **Desenho universal para aprendizagem na perspectiva da inclusão escolar: potencialidades e limites de uma formação colaborativa**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/server/api/core/bitstreams/09062fcb-e737-42c9-ac70-131185f87b64/content. Acesso em: 12 fev. 2026